

***Os labirintos de outrora e
os becos de agora***

Renato Barozzi Cassimiro

Lá está ele! Impávido, colosso, imponente e austero. Paro diante dele. Imediatamente minha infância passa à frente dos meus olhos. Aqueles mesmos sentimentos tomam conta de mim: medo, euforia, ansiedade, felicidade, curiosidade e desespero. Suas paredes, maltratadas pelo tempo, revelam um dégradé das várias camadas de tintas que as cobriram durante todos estes anos.

Percebo o olhar assustado e ao mesmo tempo desbravador de minha filha à porta. Ela estende a mão e pede que eu a acompanhe. Olho para minha esposa com os olhos marejados: "não posso mover meus passos por este atroz labirinto". Ela entende meu estado e toma o meu lugar a fim de seguir com nossa pequena.

Permaneço ali, imóvel. Lembro que nós éramos capazes de passar horas lá dentro: brincando, correndo, competindo, "paquerando", subindo, descendo, se escondendo, aparecendo, rindo, chorando. Sempre fomos assaz atirados, mas o respeitávamos como se respeita os mistérios do mar e sua força. Aquele labirinto não era somente um brinquedo, mas algo a ser reverenciado. Contávamos os dias para o domingo, não por causa da missa ou da pipoca na "Praça Brasil", mas pela oportunidade de estarmos novamente aos pés do gigante.

A V L
Academia Volta-redondense de Letras

Hoje, depois de muito tempo, cá estou eu aos seus pés mais uma vez. Mas ele já não é mais um gigante. Suas paredes estão à altura de meu peito e seus corredores estreitos não me permitem a correria de outrora. Pensar que podíamos nos perder ali dentro.

Tudo isso me faz lembrar da dificuldade de se aceitar o fim da infância. Momento onde os mistérios se revelam, os heróis deixam de sê-los, a vida se mostra não apenas como uma brincadeira no labirinto, mas como um mundo de possibilidades sem chão ou corrimão onde se possa pisar ou agarrar.

Quando crescemos, os labirintos tornam-se becos, que quando percorridos, nos apresentam um sem número de portas ao seu final, nas quais vemos afixadas claras e sombrias inscrições: verdade, mentira, honestidade, desonestidade, coerência, liberdade de escolha, opressão, entre outras.

Há três maneiras de tomarmos as decisões rumo aos passos iniciais assim a uma porta ou a outra. A primeira é quando o fazemos dispostos a enfrentar as consequências; a segunda é quando nos precipitamos desconhecendo as consequências; e a terceira se dá movidos por alguém ao nosso lado que, ao apontar o caminho, toma as decisões a despeito de nossas próprias vontades. Esta última opção, que é a única para muitos, redundando em aceitarmos o caminho indicado pelo dono do dedo, algo nem sempre agradável.

Mas este último parágrafo já é devaneio de um adulto lamentando os labirintos existenciais de um mundo real. Deixa pra lá. Tento retomar minhas recordações em meio ao corre-corre desenfreado de prodigiosas crianças. Volto meu olhar para dois rapazezinhos que vêm saindo do sinuoso circuito que

A V L
Academia Volta-redondense de Letras

modela a estrutura do labirinto. Percebo o encantamento dos mancebos na expressão de seus rostos e nas ingênuas palavras que proferem:

- Cara, que lugar maneiro! Diz um dos garotos.

- É muito legal. Ao mesmo tempo em que estamos perdidos, de repente, achamos a saída. Diz o outro.

Passam por mim e eu fico a refletir: oxalá que vocês sempre encontrem na vida a saída desejada, ou ao menos resguardem a prerrogativa de terem amiúde a pretensão de desejá-la, abstendo-se e ignorando os dedos indicadores que insistirem em pousar-lhes nos ombros.